

ANÁLISE CRÍTICA DO PROJETO DA ORTOGRAFIA UNIFICADA DA LÍNGUA PORTUGUESA¹

Edmílson Monteiro Lopes – UFCE

Preliminarmente...

O projeto está dividido em 21 bases, indicadas com algarismos romanos, subdivididas em parágrafos denotados por algarismos arábicos, e estes em alíneas, assinaladas por letras. Aqui e ali aparecem ainda observações. Nesta análise, quando o leitor deparar, por exemplo, “Base II, 1, b”, entenda “Base II, parágrafo 1º, alínea b”.

Não é o projeto trabalho novo nem original. Constitui repetição do acordo de 1945, com supressões e emendas. Até mesmo na redação, palmilhada com frequência ao pé da letra. As normas do acordo de 1945 estão publicadas no Diário Oficial da União, de 08-12-1945, a partir da pág. 18.407. É fácil o cotejo.

Onde nada mudaria

Contamos no projeto 162 dispositivo. Destes, 141 nada modificariam relativamente à ortografia em vigor no Brasil: repetem normas do sistema de 1943 (em Portugal, do acordo de 1945) ou modificações da Lei nº 5.765, de 1971.

O projeto usa várias vezes, não dizemos que intencionalmente, expressões que sugerem ter ele efetuado mudanças, em casos nos quais, na realidade nada alterou. Alguns exemplos:

Base VIII, 3 – Prescinde-se do acento gráfico nos oxítonos heterofônicos: cor (ô) – cor (ó), colher (ê) – colher (é) etc.

Base IX, 6 – Assinala-se com o acento circunflexo, obrigatoriamente, **pôde** (pretérito perfeito), para distingui-lo de **pode** (ó), presente.

¹ Resumo da *Análise Crítica* do Projeto da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa publicada em Fortaleza/CE, em 1991, tornada agora oportuna em vista da iminente adoção do referido Projeto.

Base IX, 10 – Prescinde-se do acento gráfico para distinguir paroxítonos homógrafos heterofônicos, como **acerto** (ê) – **acerto** (é), **acordo** (ô) – **acordo** (ó) etc.

Base XIII, 1 – São suprimidos os acentos grave e circunflexo em advérbios derivados com o sufixo **mente** de adjetivos graficamente acentuados: **avidamente** (se ávido), **comodamente** (de cômodo).

Base XIII, 2 – São também suprimidos os mesmos acentos em derivados com sufixos iniciados por **z**, cujas bases são graficamente acentuadas, tais como: **cafezinho** (de café), **avozito** (de avô), **dendezeiro** (de dendê).

Essas cinco alterações foram pela Lei nº 5.765, de 18-12-71.

E ainda:

Base X, 6 – Prescinde-se do acento agudo nos ditongos tônicos grafados **iu** e **ui**, quando precedidos de vogal: **distraiu**, **instruiu**, **pauis** etc.

Base XVI, 1, **a**, obs. – Não se usa o hífen em formações que contêm os prefixos **des** e **in**, nas quais o segundo elemento perdeu o **h** inicial: **desumano**, **inábil** etc.

O projeto esqueceu aqui o prefixo **re**, no mesmo caso: **reaver**, **reabilitar**, **reabilitado**, **reidratar**, **reabilitação**, **reumanizar** etc.

Base XVIII, 1, **d** – Emprega-se o apóstrofo para assinalar, em substantivos compostos, a elisão do **e** da preposição **de**: **cobra-d'água**, **estrela-d'alva**, **pau-d'arado** etc.

Base XVIII, 2 **a** e **b** – Casos em que não se deve usar o apóstrofo: **do** (de + o), **dele** (de + ele), **deste** (de + este), **dessoutro** (desse + outro), **no** (em + o), **nele** (em + ele) etc.

Estas quatro determinações remontam às Instruções para Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovadas a 12 de agosto de 1943. Estão em vigor há mais de sessenta anos.

Não são apenas essas nove as normas que nada modificaram. Contamos, como dissemos, 141 (cento e quarenta e uma).

As mudanças

Vejam os que mudaria, com a reforma aprovada pelo Congresso Nacional do Brasil.

Base I

No §1º – As letras **k**, **w** e **y** passariam a integrar o alfabeto português. O nosso alfabeto é o latino. O **k** e o **y** pertencem ao alfabeto grego; o **dáblio** provém do germânico. Não são, por isso, incluídas atualmente em nosso

abecedário. Trata-se de alteração meramente teórica. Em nada contribui para a uniformização ortográfica, já que as normas para o emprego das três letras continuam as mesmas: em nomes próprios estrangeiros e palavras deles derivadas; em abreviaturas, siglas e símbolos.

Um pretexto a mais para justificar a reforma; um motivo a menos para dizermos com Camões:

“E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.”¹

O jornalista Paulo Francis classificou o projeto como fútil². A mudança que deparamos logo de entrada não prova o contrário.

Alega-se que as crianças precisam conhecer as letras **k, w, y**. Precisam, mas o problema é outro. No método atual de aprendizado da leitura, os meninos vão diretamente às palavras, sem precisar aprender nem o alfabeto nem a soletração. Disto resultam alunos de séries adiantadas incapazes de pôr um grupo de palavras em ordem alfabética ou de consultar um dicionário. Não estamos reprovando o método moderno. É excelente e poupa às crianças longo sacrifício. Apenas queremos dizer que, em algum ponto do currículo, é mister se proceda a uma visão ou revisão geral do alfabeto. Neste ensejo os alunos aprenderão não somente as três letras, mas também as normas do emprego delas. Qualquer gramática ensina isso imediatamente após o alfabeto. Quem não estudar o alfabeto não conhecerá **k, w, y**, venham onde vierem.

Os parágrafos 2º e 3º nada modificariam.

No § 4º:

“Os dígrafos finais de origem hebraica **ch, ph, th** podem conservar-se em formas onomásticas da tradição bíblica, como **Baruch, Loth, Moloch, Ziph**”.

A norma, como vemos, é facultativa, mas, ainda assim, apresenta inconvenientes sérios. Trata-se de grafia abolida pela reforma portuguesa de 1911³, baseada no sistema científico de Gonçalves Viana, e pelo acordo luso-brasileiro de 1931⁴. Restabeleceu-a o malfadado acordo de 1945⁵ que, refugado pelos brasileiros, terminou oficialmente revogado⁶, voltando-se ao sistema de 1943. Este⁷, em boa hora, eliminara os complicados dígrafos hebraicos que o projeto intenta restabelecer.

Os dígrafos finais **ch, ph, th** são permitidos apenas quando a palavra hebraica termina pelas consoantes **kaph, phê, tau** aspiradas. Podem elas ser aspiradas ou não. Indica-se o segundo caso, na grafia, com um ponto dentro da letra, chamado **dághêš**. Nomes como Melquisedec (ou melhor Melquisedeque), Josafat (ou melhor Josafá) e outros aparecem não raro com **h** final, indevida-

mente. Antropônimos como Anatot e Jafet (ou antes Anatote, Jafé) teriam de ser escrito **Anathoth**, **Japheth**, pois seria incongruente manter o **h** final, e não o medial, já que ambos são igualmente etimológicos. É mister cuidado, ainda, para não confundir hebraico com grego. Nesta língua a consoante **teta** é sempre aspirada, e **tau** nunca; em hebraico **tau** é naturalmente aspirada (às vezes não), e **tete** nunca. Estamos vendo quantas dificuldades.

Mais uma prova?

Loth, como se encontra no projeto, com **th**, está etimologicamente errado. Dirão que muitos assim escrevem. Então, muitos o fazem incorretamente. Isto vem apenas confirmar a nossa afirmação: é inconveniente a manutenção desse **h** (em Portugal) ou o seu restabelecimento (no Brasil); será causa de enganos. O projeto em tela passou pela Academia das Ciências de Lisboa e pela Academia Brasileira de Letras. Há nelas homens que profundamente admiramos, de saber notável. Todavia, o equívoco escapou. E pela segunda vez, pois já se encontra no Acordo de 1945⁵.

Provamos a nossa afirmação:

a) Com o hebraico – A palavra **Lot** escreve-se em hebraico com as letras **lâmede**, **uau** e **tete** (לֹט), correspondentes, respectivamente, a **l**, **o**, **t** do nosso alfabeto. **Tete**, como vimos, representa o / t / hebraico não aspirado. A transliteração só admite **th** quando substitui a letra tau, sem dágheš, símbolo gráfico do /t/ aspirado. O antropônimo **Lot** é encontrado no Antigo Testamento, em hebraico, 33 (trinta e três) vezes. Conferimos quatro edições da Bíblia hebraica⁶. Em cada edição verificamos, meticolosamente, cada versículo em que figura a palavra em estudo. Não há divergência; a grafia é a mesma, sem uma só variação: **lâmede** – **uau** – **tete**. Logo, o étimo do vocábulo **Lot** de maneira nenhuma admite o **h** final. Note-se que a primeira edição citada nas referências bibliográficas, a Stuttgartense, é conhecida como a melhor edição crítica do texto hebraico da Bíblia.

b) Com o grego – Os sábios judeus que traduziram o Antigo Testamento do hebraico para o grego – os Setenta, segundo a lenda – fizeram a transliteração da palavra **Lot** com as letras **lambda**, **ômega** e **tau** (λωτ). **Tau** representa o / t / grego não aspirado, transliterado para o latim e para o português com **t** simples. O **teta**, signo do / t / aspirado, é que se translitera por **th**. Também aqui a verificação, sempre feita por nós próprios, foi rigorosa. Examinamos a palavra, vez por vez, na versão dos Setenta⁷. Nem uma só discrepância. A grafia é, como dissemos, **lambda** – **ômega** – **tau**, que repele inútil e inoportuno **h**.

c) Com o latim – A tradução latina da Bíblia foi feita quase toda por S. Jerônimo. É chamada Vulgata. Houve outras versões latinas, parciais. A Vulgata é a versão oficial da Igreja. S. Jerônimo traduziu o Antigo Testamento direta-

mente do hebraico. Na versão antiga da Vulgata que consultamos a grafia usual é **Lot**. Não admira apareça rara vez o **th** final, certamente erro de algum copista. Até a invenção de Gutemberg, no séc. XV, a Bíblia era transmitida de geração a geração mediante cópias manuscritas, feitas por monges católicos. Depois da imprensa, compositores e revisores, nem sempre habilitados, metiam-se a retocar a grafia de palavras, como ainda hoje acontece. Isto explica uma que outra divergência. Mas não permite concluir que S. Jerônimo tenha escrito a palavra incorretamente, com **th**. Examinamos a edição moderna da Vulgata dirigida por Filion¹⁰, a mais conhecida e acreditada no Ocidente. E a editada pela Typis Polyglotis Vaticanis, praticamente a versão oficial da igreja¹¹. Em ambas só encontramos **Lot**, nem uma só vez com o descabido **h**. O erro foi, pois, corrigido na Vulgata.

d) Com as línguas novilatinas – Estendemos a nossa pesquisa às mais conhecidas e importantes herdeiras do latim. Em edições antigas da Bíblia, mormente em português e francês, não há uniformidade na grafia da palavra em estudo. Não admira. As edições eram copiadas de outras anteriores, sem nenhuma preocupação científica. Sofriam ainda a influência da ortografia chamada pseudo-etimológica. Com o ressurgir da cultura grega e latina – o Renascimento – também a ortografia se amoldou às duas línguas. E não raro, para “esnoar” sabença etimológica, os autores recheavam a escrita de **th**, **ch**, **yy** e outros símbolos exóticos. Muitas palavras passaram a ser escritas com um **h** hiperetimológico: **author** (do latim *auctore*), **cathegoria** (do grego *kategoria*, pelo latim *categoria*), **chrystal** (do grego *krystallos*, pelo latim *crystallu*), **sepulchro** (do latim *sepulcru*), **theor** ou **tehor** (do latim *tenore*) etc. Causa semelhante deve ter acontecido com a palavra **Lot**. Mas, nas edições modernas, cujos textos passaram por revisão crítico-filológica, deparamos exclusivamente **Lot**. Fizemos cuidadosa verificação quanto ao italiano¹², romeno¹³, espanhol¹⁴ e francês¹⁵. Todas essas línguas grafam **Lot**, em todas as passagens em que figura este nome. Em francês e em espanhol consultamos a famosa Bíblia de Jerusalém, tradução direta do hebraico, dirigida pela Escola Bíblica de Jerusalém, uma equipe de religiosos dominicanos especialistas no assunto. O erro está sanado também nas línguas românicas. Em português há duas versões principais: a de Figueiredo¹⁶, um clássico da língua, usada pelos católicos; e a de Almeida¹⁷, adotada pelas igrejas reformadas. Ambas elegeram o melhor: a forma **Ló**, adaptada ao vernáculo, na versão de Almeida também os demais nomes próprios estão aportuguesados: Baruque, Moloque, Zife, Judite, Jacó, Jó, Moabe, Isaque, Davi, Gade, Gogue etc. Bensabat, nome do poliglota e escritor gibraltariano, incluído no projeto entre os nomes da tradição bíblica, não o é, embora de origem hebraica.

Não se alegue que a grafia **Loth** está consagrada pelo uso. Tanto não é verdade que foi corrigida, como outras palavras que apresentavam um **h**

hiperetimológico, já citadas (author, categoria etc.). Não se corrige o que está correto. A forma gráfica **Lot**, esta sim, é sancionada pela história e tradição da Língua. Nas “Histórias d’ Abreviado Testamento Velho”, também conhecidas como Bíblia Medieval, do século XIV¹⁸ encontramos **Lot** vinte e cinco vezes seguidas. Só duas vezes, no início, escreveram **Loth**, explicável como engano do copista.

Fica assim provado que, na Bíblia, tanto em latim como nas línguas românicas mencionadas, o erro foi corrigido, onde o havia. Que o seja também no projeto.

Força é reconhecer que se enganou o saudoso Mestre Antenor Nascentes, cremos que por desconhecimento do hebraico, quando registrou no seu Dicionário Etimológico, tomo II:

“Loth – s.m. Nome de homem. Do hebr. Loth”¹⁹.

O que existe nessa língua é **lot**, substantivo comum = véu; **lut**, verbo = velar, cobrir, envolver; e **Lot**, antropônimo sobrinho de Abraão.

O projeto é contraditório. No § 4º, admite letras mudas em antropônimos e topônimos como **Baruch, Moloch, Ziph** e semelhantes; no § 6º recomenda que os topônimos de línguas estrangeiras sejam substituídos, tanto quanto possível, por formas vernáculas. Termina oficializando todas as grafias imagináveis: **Judith, Judit, Judite** etc. Deveria oficializar uma só grafia. Para isso tem à escolha duas boas opções:

1ª aporuguesar essas palavras, como é da índole da língua; Baruque, Moloque, Zife; Judite, Jacó, Jó, Ló (que é velha em **pão-de-ló**) (Bueno)²⁰, Isaque, Davi, Gade, Josafá; Madride, Cide, Calecute etc.

2ª indicar, na escrita, a consoante final (sem o inútil e traiçoeiro **h**), quando e onde pronunciada: Baruc, Moloc, Zif, Judit, Jacob, Job, Lot, Isac, David, Gad, Josafat, Madrid, Cid, Calecut etc. Esta grafia não destoa da história e tradição da língua. É a que encontramos, quase sem exceção, nas Histórias d’ Abreviado Testamento Velho, já no séc. XIV, como vimos atrás¹⁸. Mais: o Português se harmonizaria, neste ponto, com as línguas românicas – espanhol, italiano, francês e romeno – nas quais esta grafia é, a bem dizer, uma constante. O mais ficaria por conta da Base XXI:

“Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume ou registro legal, adote na assinatura do seu nome”.

Esta norma torna inúteis as complicações, marchas e contramarchas dos §§4º e 5º.

Quem tiver o nome de **Lot** e quiser enfeitá-lo com um **h** final, mesmo errado, que o faça. Não com a chancela de uma norma oficial, porém.

Bases II e III

Nada alteram. Repetem, mais pormenorizadamente, normas já em vigor.

Base IV

Trata das letras consonânticas **c** (representando a oclusiva velar surda /k/) e **p**, em encontros interiores.

No §1º, alínea **a**, ocupa-se das palavras em que as consoantes indicadas por essas letras são pronunciadas, tanto em Portugal como no Brasil e, como é natural, nada se altera na grafia. Alguns exemplos: **compacto, convicção, convicto, ficção, pictural; adepto, apto, erupção, eucalipto**. Nada, pois, mudaria; nada para comentar.

A alínea **b** do mesmo §1º reporta-se às ditas letras **c**, **p** quando escritas em Portugal (e não no Brasil), mas invariavelmente mudas na pronúncia culta. O projeto as elimina sumariamente. Admira-nos tenha a Comissão portuguesa acedido a tal supressão indiscriminada. Fariam essas letras falta irremediável aos portugueses, nos casos em que, embora mudas, não são inúteis – indicam que a vogal precedente deve ser pronunciada com timbre aberto: **colecção/ kolêção/**, **director/dirêtor, lectivo/ lêtivo/**, **adoptar/ adòptár/**, **excepção/ ecêção /**, **baptismo/ bàtismo/** e muitas outras². Sabemos que os portugueses praticamente elidem a vogal pretônica. Ora, eliminados o **c** e o **p** dessas palavras, ficariam elas sem nenhuma indicação de que a vogal pretônica deve ser pronunciada aberta. Isto, com o tempo, implicaria deformações como / **kol'ção/**, / **dir'tôr/**, / **ad'tár/**, / **b'tísmo/** etc. o português de além-mar tornou-se um tanto ou quanto áspero. Atribuímos isso à elisão das vogais pretônicas, pelo menos em parte. Todas as vogais são sonoras. É natural contribuam para a sonoridade das palavras. A supressão das letras **p**, **c**, de que tratamos, com a conseqüente elisão, com o tempo, da vogal pretônica (deformação que supomos inevitável), isto em mais de quinhentas palavras usuais, contribuirá decerto para o agravamento do problema.

Contamos no projeto nada menos de catorze casos facultativos. Por que não mais um, a bem do português lusitano? Alegar que diferença tão insignificante, quase imperceptível, dificulta o intercâmbio de livros e a aproximação entre os dois povos é simplesmente ridículo. Não passa de pretexto para uma reforma não debatida, mal planeada e como tal inoportuna. O projeto estarrece pela absurdez e inconseqüência: há pouco, na Base I, § 4º, admitiu letra

² Adotamos transcrição fonética própria, aproximada da grafia normal, para melhor compreensão do leitor, nem sempre especialista na matéria.

muda, absolutamente inútil; aqui, suprime letras indispensáveis à boa pronúncia e conservação de mais de meio milhar de palavras.

Ainda na Base IV, 1, c, o projeto admite as grafias **facto** e **fato**, **sector** e **setor**, **ceptro** e **cetno**. Continuam como está: em Portugal, **facto**; no Brasil, **fato**.

Bases V, VI, VII

Nada alteram.

Base VIII

No § 1º, a, obs. – Em Portugal se usa **metro**, **judo**; no Brasil, **metrô**, **judô**. O projeto consagra as duas grafias, com as duas pronúncias, é claro, e fica tudo resolvido. Na mesma observação mencionam-se outras grafias variantes.

No § 2º, a, obs. – Para atentar à variedade de pronúncia entre Portugal e o Brasil, o projeto admite as grafias **sémen** e **sêmen**, **xénon** e **xênon**, **fémur** e **fêmur**, **vómer** e **vômer**, **Fénix** e **Fênix**, **ónix** e **ônix**.

N § 2º, b, obs. – Mais grafias facultativas, para atender à pronúncia lusa e à brasileira: **pónei** e **pônei**, **gónis** e **gônis**, **ténis** e **tênis**, **bónus** e **bônus**, **ónus** e **ônus**, **tónus** e **tônus**, **Vénus** e **Vênus**.

No § 3º encontramos algo merecedor de reparo. O projeto manda indicar com o acento agudo o timbre aberto dos ditongos escritos **éu**, **éi**, **ói** como já atualmente se faz. Vê-se isto na Base VII, § 1º, na mesma Base VII, § 2º, **a** e na Base VIII, § 1º, **d**. Na Base IX, § 3º, tratando dos ditongos **ei**, **oi** tônicos, em palavras paroxítonas, determina que não se use do acento gráfico, quando abertos, por haver neles oscilação de timbre. No caso de oscilação, o critério adotado pelo projeto é admitir o acento conforme a pronúncia em uso. Acabamos de ver isso no tópico precedente. Houve aqui mudança de critério, incoerência inadmissível num sistema que devera merecer a classificação de científico. Com incongruência, nem sistema será.

No § 4º – Em Portugal, nos verbos da 1ª conjugação, a primeira pessoa do plural é pronunciada com **a** tônico fechado no presente do indicativo: /amãmos/, /louvãmos/; e com **a** tônico aberto no pretérito perfeito: /amámos/, /louvámos/. No Brasil, a vogal é fechada nos dois tempos. O projeto adotou, como sói fazer em cases análogos, a solução da norma facultativa. Assim, aqui continuaremos a escrever **amamos**, **louvamos** nos dois tempos. Portugal continuará a fazer a diferença: **amamos**, **louvamos**, no presente; **amámos**, **louvámos** no pretérito perfeito.

No § 6º, b – acontece com o verbo **dar**, na primeira pessoa do plural do presente do subjuntivo, cousa semelhante à que acabamos de ver no dispositivo

precedente: **dêmos** (com acento circunflexo facultativo) – no presente do subjuntivo; sem acento no pretérito perfeito. Resultado: em Portugal, no caso visto, **dêmos**, com acento; no Brasil, em qualquer hipótese, **demos**, sem acento.

Junta, na mesma alínea **b**, outra norma facultativa: **fôrma**, substantivo, com o acento circunflexo, distinguindo-se de **forma**, com vogal tônica aberta, substantivo ou verbo.

A solução ideal seria permitir o acento circunflexo em homógrafos heterofônicos, toda vez que o sentido contextual não bastasse para distinguir o timbre da vogal tônica. Uma só norma abrangeria os casos de **pôde**, **fôrma** e outros que ocorram eventualmente. Quando se diz, por exemplo: “O diretor ontem não pôde vir”, o acento circunflexo, embora determinado pelas normas ortográficas, é francamente desnecessário, evidenciado que está pelo sentido.

Os §§ 7º e 8º eliminam o acento circunflexo na vogal tônica fechada (a primeira) dos hiatos **ee** e **oo**: **creem**, **leem**; **voos**, **abençoos**, em lugar de: **crêem**, **lêem**; **vôo**, **abençoôo**. Sem o acento, essas palavras parecem-nos um tanto desfiguradas, talvez pelo hábito de vê-las sempre de chapéu e estarem aqui sem ele. A verdade é que o tal acento não é de necessidade.

O § 9º (continuamos a Base IX) elimina o acento agudo ou circunflexo de dissílabos paroxítonos em homografia com vocábulos proclíticos (dissílabos átonos). Assim, passaríamos a escrever, sem o acento agudo: **para** (do verbo **parar**); **pera** (forma sincopada de **pedra**, usada no composto péra-fita); **pelo**, **pela**, **pelas** (formas do verbo **pelar**); **polo**, **polos** (extremidade(s)); **pola**, **polas** (substantivo, surra(s); sem o acento circunflexo: **pera** (a fruta); **pelo** (prolongamento filiforme da pele de certos animais) e seu plural **pelos**; **polo**, **polos**. (filhote(s) de gavião); **pola**, **polas** (galho(s) novo(s)).

Eis uma inovação merecedora de aplausos, que se impunha. Nunca pudemos entender por que a Lei nº 5.765/71, tendo suprimido os acentos de homógrafos vivos, atuantes na língua, manteve estes, na maior parte dos casos determinados pela homografia com palavras e combinações arcaicas.

O projeto não menciona **quê** e **porquê** substantivos e **côa**, **côas**, do verbo **coar**, também acentuados para distinção com formas átonas. A unificação exige que também estes percam o acento.

Base X

Os parágrafos do 1º ao 6º nada alteram. No § 7º – é eliminado o acento agudo no **u** tônico precedido de **q** ou de **g** e seguido de **e** ou de **i**. Como este caso é intimamente ligado ao do trema, comentaremos os dois em conjunto, adiante, na Base XIV.

Base XI

Só no § 3º vamos encontrar novidade, ou melhor, a aparência de novidade. Atualmente, no Brasil, escrevemos **acadêmico, anatômico, cênico, Amazônia, Antônio** etc., com acento circunflexo, conforme a nossa pronúncia. Em Portugal, em conformidade com a pronúncia de lá, escrevem nossos irmãos lusos: **académico, anatómico, cénico, cómodo, Amazónia, António** etc. Os brasileiros não vamos mudar a nossa pronúncia; tampouco os portugueses. O projeto resolve a dificuldade num passe de mágica – admite as duas grafias. Os brasileiro continuaremos a escrever **acadêmico, anatômico, cênico, Amazônia, Antônio** etc.; os portugueses escreverão **académico, anatómico, cénico, cómodo, Amazónia, António**, como já fazem.

Base XII

Trata do acento da crase. Nenhuma alteração.

Base XIII

Trata dos acentos grave e circunflexo, índices do acento secundário ou sílaba subtônica, já suprimidos pela Lei nº 5.765, de 18-12-71. Sem alteração.

Base XIV

Trata do trema. É ele suprimido, salvo em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros, como: hübneriano, (de Hübner), mülleriano (de Müller) etc. Os portugueses já não o empregam. Aboliu-o a Base XXVII do acordo de 1945.

Gladstone Chaves de Melo considera esta supressão um absurdo²¹. E é. Queiram ou não os mentores da inoportuna reforma, o trema é útil, digo mal, é necessário para a pronúncia e conservação de grande número de palavras. Sem ele, com o tempo, muitas se deformariam. Lembramo-nos de que, quando ainda não se usava o trema, as palavras **tranqüilo, eqüestre, seqüestro, seqüela** e muitas outras eram proferidas, muita vez, até por pessoas de certo preparo: /trākilo/, /lekestre/, /sekéstro/, /sekéla/. O trema foi adotado na ortografia portuguesa exatamente porque foi sentida a necessidade dele. Por que, agora, eliminá-lo? É de emprego fácilimo: usa-se nas sílabas **qüe, qüi, güe, güi**, para mostrar que a letra **u** não é muda, mas representa semivogal. Sem o trema, temos que = /ké/, qui = /ki/, gue = /ghe/, gui = /ghi/. (Empregamos **gh** para representar a consoante **guê**, oclusiva velar surda, também chamada vulgarmente **g** duro, como em **gola, gula**). Aluno do primeiro grau tem condições de aprender isso, só pelo ouvir, mesmo sem apelar para a transcrição fonética. Não há motivo para a ojeriza criada contra o trema.

O destempero sobe de ponto, quando se tenta conjugar os verbos de terminações: **quar, guar, qüir, güir**. No sistema atual esses verbos se lêem com facilidade e segurança. Na “deforma” transforma-se-iam em verdadeira babel. Isto porque perderiam, de uma vez, dois sinais diacríticos: o trema e o acento agudo na letra **u**. Um exemplo: obedecendo às normas do projeto, escreveríamos **argui**. Como leremos isso? Se fizermos tal qual está escrito, teremos /arghí/, que não existe. **G-u-i** faz /ghi/, como vemos em **consegui, persegui, guitarra** etc. No sistema em vigor temos **argúi** (ele argúi) e **argüi** (eu argüi). Com o acento agudo e o trema, leremos qualquer verbo e qualquer outra palavra sem o menor titubeio. Sem eles, muitos leitores ficarão inseguros, perplexos. Que adianta um acento ou trema a menos, se isto dificulta a leitura?

O projeto estampa, ele mesmo, a necessidade do trema. Precisaram os seus autores distinguir as pronúncias variantes **bilíngüe** e **bilingue**. Como não admite o trema, grafaram “**bilíngue** ou **bilingue**”. (Base XIV). Não fizeram nada. O que aí está é, na realidade, /bilinghe/ ou /bilínghe/. Poderão objetar: o acento no **i** da primeira forma indica que a palavra é paroxítona; logo, substituí perfeitamente o trema. Enganam-se. Em geral se admite que existem palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes, as quais, numa pronúncia enfática, podem ser articuladas como proparoxítonas: **gló-ria** ou **gló-ri-a**, **his-tória** ou **his-tó-ri-a** etc. **Bilíngüe**, não. Em hipótese alguma se diria **bi-lín-gu-e**, mas apenas **bi-lín-güe**. É desnecessário o acento agudo que o sistema de 1943 prescreve no **i** tônico das palavras em **güe, güem (bilíngüe, míngüe, míngüem)**, tão inútil como o dos verbos de terminação **qüe, qüem (delinqüe, delinqüem)**, vedado pelo mesmo dispositivo. A necessidade da distinção está na letra **u**, para sabermos se ela representa semivogal ou é apenas um símbolo etimológico. **G-u-e** lê-se **ghe**. Logo, grafando-se **bilingue**, com acento ou sem ele, o que está escrito é /bilinghe/.

Bilíngüe é a forma etimologicamente legítima. Diacronicamente provém em linha reta do latim **bilingue** (lê-se como tivesse o trema, desnecessário em latim); sincronicamente é formada de **língua** com o prefixo **bi**. É a única forma acolhida pelos dois maiores lexicógrafos portugueses, Aulete²² e Gonçalves Viana³.

Bilíngue pode ser apresentada como exemplo de deformação causada pela falta do trema, que antigamente não se usava. Perdeu muito da sua feição de forma erudita. Deveria significar “o que tem duas línguas”. Nasceu bastarda, mas difundiu-se em Portugal e foi legitimada pelo uso. No Brasil não logrou gasalhado: não a registram os nossos melhores dicionários²³.

Mas não param aqui os dislates do projeto quanto ao trema. Determina ele que “nem sequer seja usado na poesia” (metrificada), para indicar a diérese, quando exigida pela métrica. Um exemplo frisante: uma das mais belas e com-

pletas definições de **saudade** encontra-se no começo do poema “Camões”, de Garrett:

“Saudade! Gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios dalma dilacera,
– Mas dor que tem prazeres – saüdade!”²⁴

Vemos que os versos são decassílabos. No primeiro verso, o vocábulo **saudade** lê-se normalmente, **sau-da-de**, trissílabo. Mas, no último, a uniformidade do metro exige se faça uma diérese, isto é, que se desdobre o ditongo **au** num hiato: **a-u**, tornando a palavra tetrassílabo – **sa-ü-da-de**. A letra ü, tremada, indica isso, evitando se leia, de pé quebrado, o bellissimo verso. Vem o projeto e ratifica a malfadada Lei nº 5.765/71, infeliz até na péssima redação (Lopes)²⁵. Desta vez foram os sapateiros além dos sapatos. Ousaram tolher a liberdade individual. Seria (e já é) uma lei ineficaz, pois, a eficácia de um preceito normativo “se encontra indissolúvelmente ligada às idéias de utilidades e de justiça.” (Vasconcelos)²⁶. Supomos haver demonstrado que a norma não é útil nem justa, mas prejudicial e injusta, porque exorbitante.

Bases XV, XVI e XVII

Do hífen

O emprego do hífen é o ponto crucial da ortografia da Língua Portuguesa. Já foi dito que “a hifenização é uma infernização.” (Macambira)²⁷. No sistema ortográfico em vigor temos para regular-lhe o uso dezoito normas. A notícia de uma reforma na ortografia trouxe nova esperança: desta vez, pensamos, será encontrado o caminho para a racionalização. Mas qual! A pretensa reforma brinda-nos com mais sete regras – passam de dezoito para vinte e cinco! E ainda não bastaram, pois deixaram esquecidas palavras em que o hífen é imprescindível, quais as formadas com os prefixos **ab**, **ad**, **ob**, **sob**, **sub**, com o elemento seguinte iniciado por **l** ou por **r**: ab-legar, ad-ligar, sub-lunar, ab-rogar, ad-renal, ob-repção, sob-reptício, sub-região, e várias outras. Garantimos que é possível a redução das regras do hífen para muito menos da metade, com normas claras, fáceis e objetivas. Não adianta penetrarmos no emaranhado projeto. É matagal brenhoso, sem saída. Precisamos acenar para a desejada solução. Vejamos:

1. Na composição.

Os nomes compostos (substantivo e adjetivos) distribuem-se em dois grupos que bem conhecemos:

a) **Compostos por aglutinação** – quando o primeiro componente perde a vogal final átona ao ligar-se com o segundo, altere-se ou não o radical – seriam escritos ligados, sem hífen, como já se faz: aguardente, planalto, pernalto, boquiaberto, cabisbaixo, plenilúnio; agridoce, alvinegro, auriverde etc.

b) **Composto por justaposição** – quando o primeiro elemento mantém a integridade – grafar-se-iam sempre com o hífen: amor-perfeito, gentil-homem, porco-espinho, pé-de-meia, segunda-feira, beija-flor, corre-corre, leva-e-traz; bom-bom, cara-dura, gira-sol, manda-chuva, passa-tempo, roda-pé, vai-vem, – médico-cirúrgico, luso-brasileiro, sócio-econômico, político-religioso, afro-negro, franco-espanhol, anglo-germânico, ítalo-abissínio, grão-duque, grã-cruz etc.(formas como **afro, anglo, franco, ítalo, grão, grã**, em que houve maior perda de elementos, convém sejam incluídas no processo da redução).

Dir-se-á talvez:

– Mas estão aí, com hífen, compostos que se escrevem juntos porque o primeiro elemento perdeu a autonomia fonética.

Resposta – Abandona-se este critério perturbador. O usuário comum da língua não tem condições para distinguir sutis particularidades fonéticas. O Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras (Editora Bloch, 1981) admite **cara-dura** e **caradura**. **Cara**, neste caso, perdeu ou não a autonomia fonética?

– Escrevê-las juntas é uso antigo, uso consagrado!...

Resposta – Atendendo a uso consagrado, nunca se teria feito nem faria reforma alguma. Era uso antigo e consagrado escrever **phosphoro** com **ph** no começo e no meio. Devemos, por isso, voltar a escrever assim?

– O numero de hífen que teremos de escrever crescerá assustadoramente.

Resposta – Ainda que assim fosse, a facilidade, a tranqüilidade no escrever compensariam à larga esse pequeno incômodo. Mas não é verdadeira essa objeção. As palavras que estão neste caso vão a pouco mais de vinte. E não as encontramos a cada passo. Nem dá para perceber o acréscimo.

Atualmente não se sabe quando usar o hífen ou soldar os componentes. Por que **sócio-profissional** e **sociopolítico**? Outra: quem escreve **sociopolítico**, **socioeconômico**, **sociocultural**, deveria escrever também

– **socioculturalpolíticoeconômico**.

Palavras deste tamanho nem talvez no alemão... Essas ligações desfiguram a imagem visual dos componentes, geram incoerências, produzem ridicularias. Vamos escrever coerente e sensatamente: norte-americano, anátomo-patológico, sócio-econômico-cultural etc.

2. Na prefixação.

A grande maioria dos prefixos ligam-se diretamente ao elemento radical. Por que em alguns apareceu o hífen? Para que da ligação direta não resultem leituras errôneas. **Bemaventurado**, por exemplo, sem o hífen, seria muitas vezes lido /bê-ma-vê-tu-rá-do/, em vez de /bêy-a-vê-tu-rá-do/. No início, o anteprojeto pretendia que, em lugar de **bem-amado**, se escrevesse **bemamado**. Ainda bem que, a tempo, emendou a mão. Isto nos leva diretamente à norma que deveria presidir ao emprego do hífen na prefixação – quando a junção dos dois elementos conduzisse a uma leitura defeituosa. Conviria houvesse abundância de exemplos, para lembrar e ilustrar os vários casos. Seria necessária mais uma que outra regrinha para algum caso que exija tratamento especial. Entre eles, os prefixos terminados em vogal, seguidos de elemento começado por **r** e por **s**, que se dobram: **antirreligioso**, **contrassenso**, **infrassom** e outros.

3. Na sufixação.

Cousa pouca: com os sufixos **açu**, **guaçu** e **mirim**, quando o elemento precedente acaba em vogal tônica: **andá-açu**, **capim-açu**, **amoré-guaçu**, **anjá-mirim**, **Ceará-Mirim**.

4. Com os pronomes oblíquos átonos, na ênclise e na mesóclise:

encontrei-o, **ajudá-lo**, **confirmou-nos**, **suceder-lhe**, **ajudá-lo-ei**, **confirmar-nos-ia** etc.

5. Seria lembrado o encadeamento vocabular:

a ponte Rio-Niterói, **o percurso Lisboa-Coimbra**, **a ligação Fortaleza-Maranguape** etc., como no projeto. Parece-nos, todavia, que neste caso seria preferível o travessão.

6. O hífen na partição das palavras, em fim de linha:

Tão conhecido que nem as Instruções de 1943 nem o projeto em estudo se lembraram dele.

Veja o leitor: com pouco mais de um quinto das regras do projeto, com normas simples, ao alcance de qualquer pessoa alfabetizada, abarcamos, numa visão geral, um problema que, mesmo com as dezoito regras do sistema vigente, poucos conseguem dominar. Também aqui acontece o que dissemos a respeito da prefixação: será preciso acrescentar uma norma ou outra para atender a algum caso especial.

Base XVIII

Versa o apóstrofo. Repete as normas vigente desde 1943. Um ponto merece reflexão. O projeto, como as normas de 1943, manda que se indique pelo apóstrofo a elisão da vogal **e** da preposição **de**, no interior dos substantivos compostos: **caixa-d'água**, **olho-d'água**, **pau-d'arco**, **pau-d'alho**, **estrela-d'alva** etc.

Não havendo composição, ou mais praticamente, não havendo o hífen, que a indica, não haverá o apóstrofo, far-se-á a soldagem direta. Em razão disso, temos o composto **copo-d'água**, com o sentido de merenda, e **copo dágua**, (sem prejuízo de **copo de água**), indicando um copo cheio dágua ou a quantidade dágua de um copo. Parece-nos que, a continuar a distinção, a regra deveria ser invertida. Nos compostos há maior integração ou até fusão semântica dos elementos: amor-perfeito (uma flor), pão-de-ló (um bolo), beija-flor (um pássaro). A estes caberia, pois, maior integração gráfica. Como, porém, a distinção não passa de uma complicação a mais, por que não ligar o “d” à palavra seguinte em ambos os casos?

A observação final da Base XVIII, que estamos examinando, estabelece que não se ligue, nem com o apóstrofo nem diretamente, a preposição **de** às formas articulares ou pronominais **o**, **a**, **os**, **as**, ou com quaisquer pronomes ou advérbios iniciados por vogal, nas construções de infinitivo, mas escrevam-se as duas formas separadas.

Primeiramente, quando se trata da ligação da preposição **de** com o artigo definido que antecede o sujeito, a proibição é improcedente. Pode-se fazer ou não fazer a ligação. Encontramos já em Rui de Pina:

“... e a cauza DELLE nom hir em pessoa, diz, que foy porque neste proprio anno começou de Reynar em Portugal”.

“Depois DA Frota dos Estrangeyros aribar aho porto do maar...”²⁸.

E os exemplos se sucedem, passando pelos melhores escritores, até os atuais.

Segundamente³, neste ponto o projeto exorbita das suas funções: sai do campo da ortografia, invadindo os domínios da sintaxe.

Seguem-se:

Base XIX

Das minúsculas e maiúsculas.

³ Desculpem o arcaísmo, usado de propósito. É interessante, prático, merece ressuscitado.

Base XX

Da divisão silábica.

Base XXI

Das assinaturas e firmas

As três nada apresentam que mereça comentário.

O projeto foi aprovado pelas Delegações de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, a 12 de outubro de 1990.

Os sete países lusófonos

Os mentores do projeto falam, com muita ênfase, em “países lusófonos”, “comunidade lusófona”. Impressiona. Mas serão mesmo sete os componentes dessa comunidade? Paulo Francis, em reportagem publicada no *Povo*, afirma que colocar Angola e Moçambique entre os países usuários do português é uma piada²⁹. E diz verdade. Não só quanto aos dois que cita, mas também com relação a Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. O Português é a língua oficial desses países no sentido de que é a língua administrativa, não, porém, a falada pela maioria da população. Fora das capitais é difícil encontrar quem fale o Português. Falam-se os dialetos crioulos. O Português era visto como a “língua do colonizador”. Isto explica a preferência aos dialetos próprios, “como uma forma de resistência ao poder colonialista e sobretudo como maneira de assegurar a autonomia cultural” (Margarido)³⁰. Os colonos portugueses pouco se preocuparam com a escolarização e conseqüente difusão da Língua Portuguesa. Quando Angola se tornou independente, em 1975, apenas cerca de 3% da população falavam e escreviam o Português. Em Moçambique, em 1985, apenas 1%. De lá para cá não se deve esperar mudança considerável. Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, ambos de população reduzida, têm situações parecidas. O Português é língua minoritária. As práticas culturais autóctones, como as canções e os atos religiosos, são realizadas em crioulo. Cabo Verde tem duas línguas oficiais: O Português e o crioulo. Em Guiné-Bissau, no máximo 10% da população falam Português. Não se trata, portanto, de “países de expressão portuguesa”, como têm sido proclamados.

Está explicado o desinteresse dos representantes desses países no tocante à reforma ortográfica. É o próprio Dr. Antônio Houaiss quem declara:

“Os países africanos adotaram uma atitude absolutamente isenta. A atitude deles é extremamente útil para nós. Eles dizem: Isto é um problema entre vocês dois. O que vocês decidirem nós aceitamos³¹.”

Como sabemos, “você dois” são o Brasil e Portugal, únicos países de língua portuguesa, no sentido pleno da expressão.

NOTA – Para conhecimento da verdadeira situação da Língua Portuguesa na África, leiam-se os excelentes artigos de Alfredo Margarido e de Sílvia Elia, publicados na revista “Língua e Texto”, órgão do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Filologia – Salamandra Consultoria Editorial S/A Av. Nilo Peçanha, 155/510 – Rio de Janeiro – RJ. CEP 20020-Tel. (21) 240-6306.

A malograda unificação

Voltamos ao início do projeto, ao seu título – “Projeto da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa”. A unificação é dada como a meta primordial, a razão de ser da reforma. Será atingido este objetivo? Em Portugal é forte a reação contra o acordo. Nove mil pessoas assinaram documento contra ele. Estão entre os discordantes figuras de projeção cultural marcante, como Virgílio Ferreira e José Saramago, escritores de renome internacional. Alguns já declararam que continuariam a escrever como dantes, limitando, assim, os efeitos da reforma. E há o pior: mesmo que acontecesse o impossível e todos os lusos aplaudissem o acordo, a unificação não aconteceria. Da análise que acabamos de fazer nada ressalta com maior evidência: o projeto não vinga o seu objetivo. A dificuldade ou mesmo a impossibilidade em conciliar divergências leva-o com frequência a acomodações que deixam as diferenças como estão. Há no projeto catorze casos opcionais. Deles, pelo menos a metade destina-se a esses arranjos. Não exagera o Dr. José Alves Fernandes, atual Presidente da Academia Cearense da Língua Portuguesa:

“Como está, o atual **Projeto** parece destinar-se antes à oficialização das divergências irreduzíveis de formas gráficas lusitanas e brasileiras que assinalam, por meio de diacríticos, as respectivas pronúncias, do que à proclamada unificação da nossa ortografia”³².

Para que a unificação?

Os partidários da reforma ortográfica, para angariar apoio, arvoraram a bandeira da unificação. Foi necessário, por isso, mostrarmos que o projeto não alcança esse objetivo. Não, porém, que a julgemos necessária.

Diz-se que o Português é a única língua do mundo com duas ortografias. Nada mais falso. Há uma só e mesma ortografia. As diferenças entre Brasil e Portugal são tão irrelevantes que, na leitura corrente, mal se percebem.

Afirma o Dr. Antônio Houaiss, numa entrevista concedida à UBE:

“São pequenas as diferenças, mas perturbadoras”³³.

Pequenas, sim; perturbadoras, não. É fácil provar. Suponhamos está um brasileiro a ler algum livro de Portugal. Nele vai se encontrar palavras com um **c** (= k) ou um **p**, usados só naquele país, mudos, mas necessários para indicar a pronúncia da vogal precedente: **lectivo, baptismo, adoptar, excepção** etc. Terá o brasileiro de interromper a leitura e correr ao dicionário, para ver o significado dessas palavras? Fará o mesmo um irmão luso, por falta dessas letras, ao ler obras editadas no Brasil? É ridículo, até revolta vemos diferenças dessas apontadas como obstáculo ao intercâmbio cultural ou de livros e à aproximação entre os dois povos. Há quase meio século Portugal segue o acordo de 1945 e nós, o sistema de 1943. Se a aproximação e intercâmbio não foram os desejados, outras serão as causas, que não bagatelas ortográficas. Quem vai provar, agora, a veracidade desta nossa afirmação é o próprio Dr. Antônio Houaiss.

Vejamos.

Alguém afirmou que, com a “reforma”, tudo o que foi impresso em português, até hoje, teria de ser reimpresso. Vem o Dr. Houaiss e contrapõe, em reportagem publicada no *Jornal do Brasil*:

“Eu pergunto se quem diz isso já deixou de ler algum livro de século passado ou do início deste, se é que leu algum, por causa das diferenças ortográficas?”³⁴.

Sabemos que no século passado e início deste se escrevia na **orthographia** latina, obedecendo ainda à **etymologia** das palavras gregas. Grafava-se **sciencia, litteratura, grammatica, difficil, penna** (de aves), **elle** (pronome), **machina** (máquina), **thema, pharmacia, diphtongo, phosphoro** e coisas semelhantes. Acha o Dr. Houaiss que diferenças tamanhas não impedem se leiam ainda hoje livros daquele tempo. Mas as diferenças ínfimas entre a ortografia lusa e a brasileira chama-as perturbadoras! Justificam uma reforma ortográfica com a conseqüente inutilização de milhares e milhares de livros – sem esquecer as matrizes, que barateiam novas tiragens!...

Perturbadoras são as divergências léxicas, ortoépicas e sintáticas entre os dois falares. Estas, nenhum acordo nem projeto conseguirão detê-las. São de tal monta que, em Portugal, “traduzem” obras literárias brasileiras para o Português de lá. Temos *Menino de Engenho* “traduzido” para o Português lusitano. Vejamos este passo.

Em José Lins do Rego:

“Um moleque chegou gritando:
– O partido da Paciência está pegando fogo!
Tinha sido faísca do trem, na certa”³⁵.

Na “tradução” lusa:

“Um moleque chegou a gritar:
– O partido paciência está a arder!
Tinha sido faísca do comboio, decerto”³⁶.

Sejam procuradas e encontradas as causas que prejudicam o intercâmbio cultural ou de livros. As disparidades ortográficas, irrelevantes, são pretexto, não motivo, para uma reforma apressada, eivada de contradições e falhas e, ainda mais, prejudicial.

Simplificação

Lemos em Gladstone Chaves de Melo:

“A escrita é a representação da realidade lingüística, por meio de sinais perceptível à vista.

A escrita é, pois, a fotografia da língua... Daí vem que a ortografia será tanto melhor quanto mais precisamente corresponder à realidade falada”³⁷.

Não vem esta citação em defesa duma ortografia rigorosamente fonética. Sabemos ser ela um ideal irrealizável. Queremos dizer que a escrita existe para ser lida. Conseqüentemente, será boa na proporção em que permitir a leitura com facilidade e segurança. Concordamos que as reformas ortográficas devem tender para simplificação. Todavia deve esta esbarrar no ponto em que dificulte a leitura. Do contrário perderia a sua exclusiva finalidade. Vem isto a propósito da supressão, em Portugal, das letras **c** e **p** mudas, quando indicam a pronúncia da vogal precedente (Base IV, § 1^o, alínea b) e da eliminação do trema (Base XIV). Prejudicariam a leitura gravemente e deformariam com o tempo inúmeras palavras, de modo irremediável. Sabemos que a língua não é estática, é dinâmica. Deve evolver normalmente, porém. E não degenerar-se por força de lei ou decreto.

Prejuízos inúteis

Na verdade, tudo o que foi impresso até hoje em português não teria de ser reimpresso. Mas muitos, muitos livros ficariam perdidos: todos os dicionários, passando pelas gramáticas e atingindo os demais livros didáticos. Os prejuízos para as editoras seriam incalculáveis. Os livros subiriam de preço. Maiores sacrifícios para as famílias que precisam pôr os filhos a estudar. Na crise econômica que nos sufoca, não se pode nem deve impor à nação mais este sacrifício. E, ainda, para deixar a ortografia pior que está. Pensem nisto os nossos representantes no Congresso Nacional, os defensores deste povo tão sofrido. Lembre-se das montagens de livros que, inutilizados, serão destruídos;

dos que ficarão com seus livros perdidos e não poderão comprar outros. Não respondam por este crime contra a Educação, contra a Cultura, contra a nossa já magra economia.

“A ortografia de Gonçalves Viana é a ortografia científica ou racional, observado-se nela as feições peculiares do português e respeitando-se a história da língua, a sua formação e derivação, e bem assim a tradição da sua antiga escrita”(Barreto)³⁸.

O sistema original de Gonçalves Viana empolgou mestres e filólogos famosos daquele tempo. Mesmo antes da oficialização (infelizmente parcial), foi por alguns adotado: Mário Barreto, por exemplo, utilizou-o em *Novos Estudos da Língua Portuguesa*⁴⁰. O sistema referido foi a base de todas as reformas efetuadas a partir de 1911. E se a reforma que propôs não foi definitiva, como foram a do espanhol e a do italiano, é porque não a aprovaram senão parcialmente. A Comissão de ilustres filólogos designada pelo Governo português para resolver o caso fez-lhe alguns cortes,

“para que a reforma não fosse radical e os hábitos ortográficos não fossem afrontados com extrema violência”(Barreto)⁴¹.

Hoje, decorridos cem anos, não haveria motivo para os receios daquele tempo. Deveríamos adotá-la, com apenas um que outro retoque, como, por exemplo, a substituição de **g** por **j**, antes de **e**, **i**, não só no meio, mas também no início dos vocábulos. Cremos que, neste ponto, o próprio Gonçalves Viana recebeu ser tido como radical.

Tudo isto seria feito à luz do dia, exposto a amplo debate. O revoltante “secretismo” que envolveu o projeto atual encontra uma explicação – o receio de ter desnudada a sua ineficácia, inutilidade e inconveniência.

Há no Brasil instituições respeitabilíssimas, só por só dedicadas à pesquisa, ao estudo, para aprimoramento e divulgação da Língua pátria: a Academia Brasileira da Língua Portuguesa, a Academia Brasileira de Filologia, o Centro Lingüístico do Rio de Janeiro. Qual delas foi ouvida? Existe no Ceará, viva e atuante, a Academia Cearense da Língua Portuguesa. Nem sequer teríamos conhecimento do teor do projeto, não fora a diligência do Confrade Dr. Carlos d’Alge, que nos conseguiu uma copia obtida na Academia das Ciências de Lisboa!...

A ortografia importa não só aos que nela escrevem, mas a todos os que a lêem. Ninguém tem o direito de suprimir a seu talante letra e sinais diacríticos, cuja ausência vai tornar a leitura mais difícil, insegura.

Os brasileiros temos o mau vezo das reformas, ainda que apressadas, mal estudadas e conseqüentemente ruins. Quantas reformas houve na ortografia espanhola? Uma, que saibamos. E na italiana? Também uma. E na portuguesa?

A próxima, a do projeto seria a décima! A pior delas para os brasileiros, foi a de 1945. Apesar de oficializada por decreto-lei⁴², ninguém quis pô-la em prática. O Governo não pôde honrar o seu compromisso com Portugal, firmado numa Convenção⁴³, e foi obrigado a voltar ao sistema de 1943⁴⁴. Pois é o sistema de 1945, repudiado, que nos querem agora impor. Apenas lhe puseram remendos mal botados, que o tornaram pior do que era – mantém letras inúteis, enquanto suprime outras necessárias; elimina o trema, um crime de lesa-Língua Pátria. Se antipatizam com o trema, podem substituí-lo pelo acento grave.

Conclusão

A análise crítica a que procedemos leva-nos à conclusão de que o projeto da Ortografia Unificada:

- a) é ineficaz – não promove a propalada unificação ortográfica;
- b) é inútil – nada adianta para o intercâmbio cultural;
- c) é inconveniente – acarreta prejuízo acima da expectativa.

Proceda-se ao estudo de outro projeto que seja amplamente divulgado e debatido; ouçam-se as respeitáveis instituições especializadas e, com calma, trate-se de uma reforma duradoura. Aguarde-se, para a vigência, ocasião oportuna.

Referências bibliográficas e legais

1. CAMÕES, Luís Vaz de – Os Lusíadas – canto I, estrofe 33.
2. *O Povo*, jornal de Fortaleza – Ce., edição de 3-2-91, pág. 15-B.
3. GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis – *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa* – 7ª ed. – Livraria Bertrand – Lisboa, s/d – Formulário Ortográfico, V, pág. 11.
4. Dec. nº 20.108, de 15-06-1931, D.O. de 28-6-1931, Base IV, c.
5. Dec.-Lei nº 8.286, de 05-12-1945, D.O. de 8-12-1945, Base IV.
6. Lei nº 2.623, de 21-10-1955, D.O. de 22-10-1955.
7. O sistema ortográfico de 1943 foi aprovado unanemente pela Academia Brasileira de Letras, em sessão de 12-8-1943. Apesar das buscas efetuadas, não encontramos dispositivo legal que o tenha então aprovado.
8. Edições hebraicas da Bíblia consultadas:
 - a) Bíblia Hebraica Stuttgartensia – Deutsche Bibelsiftung- STUTTGART.
 - b) Bíblia Hebraica – Edidit Rud Kittel – Editio Quarta – Stuttgartiae – Privileg. Württ Bibelanstalt.
 - c) Bíblia Hebraica – Curavit Car. Godofr Gulielmus Theile – Ex Officina Bernhardi Tauchnitz – Lipsiae – MDCCCCII.

- d) (Bíblia Hebraica) – Norman Henry Snaith – The British and Foreign Bible Society.
9. Septuaginta, id est Vetus Testamentum Graece iuxta LXX interpretes. Edidit Alfred Rahlfs. – Editio Quinta – Stuttgart – Privilegierte Württembergische Bibelanstalt.
 10. Biblia Sacra Juxta Vulgatae exemplaria et correctoria Romana. Denus edidit Aloisius Claudius Fillion – Editio Decima – Sumptibus Letouzey et Ané Editorum – Parisiis.
 11. Bibliorum Sacrorum Juxta Vulgatam Clementinam Nova Editio. Curavit Aloisius Gramatica – Typis Polyglotis Vaticanis – MCMLI.
 12. La Sacra Bibbia – A cura e sotto la direzione di Mons. Salvatore Garofalo. Marietti Ed. Ltd. – Torino, 1964.
 13. Biblia sal Sfînta Scripturâ – The British and Foreign Bible Society – London, 1958.
 14. Biblia de Jerusalén – Nueva edición totalmente revisada y aumentada. Editorial Española Desclée de Brouwer, S.A. – Bilbao, 1978.
 15. La Sainte Bible – traduit en français sous la direction de l'École Biblique de Jérusalem. Les Editions du Cerf-Paris, 1956.
 16. Bíblia Sagrada – Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo – Edição Barsa – 1969.
 17. A Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida – 70ª impressão – Imprensa Bíblica Brasileira – Rio de Janeiro, 1989.
 18. Bíblia Medieval Portuguesa. Contém Histórias d'Abreviado Testamento Velho, de Fr. Fortunato de São Boaventura. Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro – Rio de Janeiro, 1958.
 19. NASCENTES, Antenor – Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa – Tomo II – Livr. Francisco Alves – Rio de Janeiro, 1952.
 20. BUENO, Francisco da Silveira – Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa – 6º volume – Edição Saraiva – São Paulo, 1966.
 21. MELO, Gladstone Chaves de – Iniciação à Filologia Portuguesa – Organização Simões – Rio, 1951. Pág. 218.
 22. AULETE, F. J. Caldas e VALENTE, Antônio Lopes dos Santos – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – Imprensa Nacional – Lisboa, 1881 (1ª ed.)
 23. Bons dicionários brasileiros que não registram a forma **bilíngue** (sem o trema):
 - a) FREIRE, Laudelino – Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa – A Noite Editora – Rio de Janeiro, 1939/1940.

- b) LIMA, Hildebrando de e BARROSO, Gustavo – Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa – 9ª ed. – Edit. Civilização Brasileira – Rio, 1957.
- c) BUENO, Francisco da Silveira – V. nº 20.
- d) AULETE, Caldas – ampliado por Hamílcar de Garcia – 2ª edição – Ed. Delta S.A -1964, I vol.
- e) SILVA, Adalberto Prado e – Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos – 6ª ed. – São Paulo, 1970 – Vol. I.
- f) OLIVEIRA, Cândido de – Dicionário Mor da Língua Portuguesa – Livromor Editora Ltda. – São Paulo, 1972 – I vol.
- g) FERNANDES, Francisco – Dicionário Brasileiro Contemporâneo – 3ª ed. – Ed. Globo – Porto Alegre, 1974. Vol. I .
- h) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Ed. Nova Fronteira – Rio de Janeiro, 1975.
- i) CUNHA, Antônio Geraldo da – Dicionário Etimológico Nova Fronteira – Rio de Janeiro, 1982.
- j) NASCENTES, Antenor – Dicionário da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras – Bloch Editores – Rio de Janeiro, 1988.
24. GARRET, João Batista Leitão de Almeida – “Camões” – Livr. Lello & Irmão – Porto, 1945, pág. 1.
25. LOPES, Edmilson Monteiro – Atualização Gramatical do Português do Brasil – Secret. da Cultura – Est. do Ceará – Fortaleza, 1983. pág. 175.
26. VASCONCELOS, Arnaldo – Teoria da Norma Jurídica – Ed. Forense – Rio, 1978 – pág. 318.
27. MACAMBIRA, José Rebouças – Português Estrutural – 2ª ed. – Pioneira – São Paulo, 1978 – pág. 69.
28. PINA, Rui de – Crônica Del Rey D. Sancho I – Lello & Irmão – Porto, 1977 – cap. VII, pág. 33, e 86.
29. FRANCIS, Paulo – Artigo publicado em *O povo*, edição de 3-2-91, pág. 15-B.
30. MARGARIDO, Alfredo – A Multiplicidade das Situações da Língua Portuguesa em África. – Revista Língua e Texto, órgão do Centro Lingüístico do Rio de Janeiro e da Academia Brasileira de Filologia – Ed. Salamandra – Rio, nº 1º, págs. de 36 a 51.
31. Declaração do Dr. Antônio Houaiss numa entrevista publicada nO *Povo* de 28-4-91, pág. 13-B.
32. Artigo publicado em *O Povo* de 28-4-91, pág 13-B.

33. Entrevista publicada no jornal, edição a pagina indicados no número precedente.
34. Entrevista publicada no *Jornal do Brasil*, edição de 8-12-1990, pág. 9, continuação da pág. 1-B.
35. REGO, José Lins do – Menino de Engenho – Livr. José Olímpio – Rio, 1981 – cap. 31.
36. REGO, José Lins do – Menino de Engenho – Doidinho – Ed. Livros do Brasil – Lisboa, s/d. – Cap. 31, pág. 78.
37. Ver obra indicada no nº 21, págs. 202 e 203.
38. BARRETO, Mário – Fatos da língua Portuguesa – 2ª ed. – Simões – Rio, 1954 – pág. 239.
39. MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina – Lições de Filologia Portuguesa – Martins Fontes Ed. Ltda – Lisboa, s/d.
40. BARRETO, Mário – Novos Estudos da Língua Portuguesa – Livr. Francisco Alves – São Paulo, 1911.
41. Ver obra citada no nº 38, na mesma página.
42. Ver Decreto-Lei citado no nº 5.
43. Convenção promulgada pelo Dec. nº 14.533, de 18-1-1944, D.O. de 20-1-44.
44. Lei nº 2.623, de 21-10-1955, D.O de 22-10-1955.